

EDUCAÇÃO EM SAÚDE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS: O CORPO SOBRE MÚLTIPLOS OLHARES

Camila Krug
Rafaela Melo
Rosângela Soares

1. INTRODUÇÃO

Este artigo relata a concepção e a execução de uma ação de extensão da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em articulação com uma escola estadual localizada no município de Porto Alegre/RS, que oferece o curso normal médio/magistério. Com essa ação, buscou-se uma aproximação entre esses espaços de formação de professores/as, proporcionando um intercâmbio cultural e teórico-metodológico entre estudantes e demais profissionais, de ambas as instituições, ao oportunizar discussões e experiências que contribuiriam para uma postura mais crítica das questões que envolvem o corpo na sala de aula e nos demais espaços sociais e culturais.

Tal ação abrangeu um grupo de 70 estudantes, entre 17 a 65 anos, do primeiro e terceiro semestre do curso Normal Médio/Magistério (Aproveitamento de Estudos) que atuam como professores/as de educação infantil, anos iniciais e de jovens e adultos (EJA) em escolas públicas

e privadas, e teve como objetivo promover intervenções abrangendo a educação, a saúde e o corpo na cultura a partir de múltiplas perspectivas, a fim de contribuir para a formação e atuação dos/as professores/as nos espaços escolares.

A possibilidade de desenvolver essa ação de extensão nos colocou importantes desafios. O primeiro deles dizia respeito à escolha das temáticas, pois muitas são as possibilidades de se explorar o estudo do corpo, e mesmo quando se alia tal estudo à formação de professores/as, não há como eliminarmos a pluralidade dos significados atribuídos a ele, assim como os paradoxos presentes na sua abordagem. Um segundo desafio implicava aliar ao tema, corpo e cultura, metodologias de trabalho criativas e que promovessem a interação do grupo, pois nossa proposta eram encontros em formato de oficinas e, além disso, nosso público vinha de uma pesada jornada de trabalho. E, por fim, tínhamos conhecimento de que o grupo não dispunha de muitas interlocuções sobre tal temática, o que a tornava relevante e, ao mesmo tempo, ainda mais desafiadora.

Sendo assim, este trabalho se propõe a apresentar e discutir as concepções que fundamentaram a elaboração desta ação de extensão universitária e, em seguida, relata o desenvolvimento das oficinas realizadas. O compartilhamento desse material pretende contribuir para a discussão no campo teórico sobre corpo, cultura e formação de professores/as.

2. O CORPO NA CULTURA: OLHARES QUE ENTRECruzAM E TRANSCENDEM O CORPO

Desde as discussões iniciais de nosso projeto, o ponto de partida era o corpo no campo da teoria cultural. Nessa concepção, o corpo é concebido como histórico-cultural, ou seja, são postas em questão a universalidade e a naturalidade das corporeidades. A proposta era apresentar uma discussão sobre o corpo na contemporaneidade e os olhares que o atravessam e o transcendem, a partir de uma perspectiva teórico-metodológica que considera os mais variados significados a ele atribuídos em diferentes

culturas, tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos e outros.

Denise Sant'Anna (2002) observa dois movimentos concomitantes e paradoxais em relação ao corpo. O corpo configura-se no cenário contemporâneo a partir de um movimento que o impulsiona para a expansão, para fora, “é quando o corpo, com suas singularidades e potências, tende a desaparecer”, e um movimento que o impulsiona para o interno, quando “o corpo ganha uma importância exagerada, porque são multiplicadas as exigências e as sensibilidades que cada indivíduo tem em relação a si mesmo” (Sant'Anna, 2002, p. 100). De um corpo que era estabelecido como oposição à alma, ao espírito, à razão e à mente e, dentre esses pares binários, era considerado “como o elemento menos nobre” (Louro, 2003, p. 1), o corpo ascendeu a “valorizações que o transformam numa entidade tão radiosa quanto outrora fora a alma” (Sant'Anna, 2000a, p. 237).

De um corpo guardado, escondido e carregado de pudores, passe-se a um corpo a ser exibido, mostrado, ele mesmo como um troféu, pois a centralidade adquirida na cultura ocidental carrega junto a ideia de um corpo que, ao ser ostentado, diz quem você é. Em última instância, “falar do corpo é falar, também, de nossa identidade” (Goellner, 2003, p. 29). Talvez uma das primeiras afirmações possíveis sobre o corpo é a sua centralidade na nossa cultura e, por isso, a corporeidade possa indicar aspectos do momento histórico, representando uma espécie de lente de aumento sobre a crise cultural que caracteriza o mundo contemporâneo.

Tal centralidade da corporeidade tem reconceptualizado as formas de viver a infância, a adolescência, a juventude e a vida adulta e, com certeza, professores/as assistem nas suas salas de aula cenas do mundo contemporâneo: a supervalorização do corpo e a corporeidade como o lugar de regras e modelos.

Essas abordagens são instigantes para examiná-lo na contemporaneidade e, a partir dessas perspectivas, construímos os eixos de nossa atuação e articulamos as diferentes temáticas das oficinas.

3. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: EDUCAÇÃO EM SAÚDE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Como mencionamos anteriormente, a ação teve como público-alvo um grupo que está em formação no normal médio/magistério. Ao longo da elaboração das oficinas, realizamos contato prévio com a turma, além de construirmos diálogos com as duas professoras responsáveis pelo grupo, o que auxiliou no delineamento e aprimoramento dos nossos objetivos com o grupo. Estes podem ser resumidos nos seguintes: proporcionar discussões e análises de temas em torno dos processos pelos quais conhecimentos, práticas educativas e culturais produzem identidades e/ou corpos saudáveis; promover reflexões sobre os discursos que circulam envolvendo saúde e aprendizagem, especialmente a questão da medicalização na escola; analisar artefatos culturais e representações de saúde e corpo veiculadas na mídia (TV, publicidade, jornais, internet, entre outros) e, ainda, mobilizar o grupo para a construção de materiais didáticos e propostas pedagógicas a partir dos múltiplos olhares sobre o corpo e suas articulações com os conceitos de saúde, educação e cultura.

Com encontros semanais, nas duas turmas citadas – de primeiro e terceiro semestre do curso –, em uma disciplina¹ ministrada por professoras em docência compartilhada, planejamos e executamos os seguintes eixos, organizados em oficinas: 1. A atuação da mídia na produção dos corpos e as corporeidades que escapam; 2. Corpo e Saúde na contemporaneidade; 3. Medicalização na vida e na escola.

3.1 A Atuação da Mídia na Produção dos Corpos e as Corporeidades que Escapam

A primeira oficina consistiu na apresentação pelas extensionistas da proposta das oficinas e na relevância e na função social da extensão como forma de aproximar a universidade das comunidades. Como estratégia para promover a interação do grupo com as extensionistas, propusemos uma

¹ A disciplina é denominada Seminários Integrados e faz parte da reforma do Ensino Médio da Rede Estadual do Rio Grande do Sul.

dinâmica de integração², que nos permitiu capturar as expectativas do grupo em relação à proposta de ação de extensão.

No primeiro encontro, cujo eixo foram a mídia e a produção de corporeidades, discutimos, a partir de imagens, textos e outros materiais que circulam nos artefatos culturais midiáticos, como se constitui a produção de corpos, tanto os desejáveis como as corporeidades que estão fora dos padrões, e as suas relações com a escola.

A fim de introduzir a abordagem do corpo na cultura, escolhemos imagens³ que desestabilizam o olhar, na medida em que permitem diversas percepções. A sua sequência de possíveis leituras ajudou o grupo a perceber as várias perspectivas para se olhar um determinado objeto ou situação. Com isso, foi possível abordar que o conhecimento das coisas do mundo é fragmentado e que classificações, tais como normal/desviante, são formas organizadoras e rígidas das práticas sociais e das relações entre os sujeitos.

Nesse caso, nosso foco foi olhar para o corpo, que é cultural e histórico e que, muitas vezes, é concebido e conceitualizado como apenas biológico, e propor reflexões em torno da sua multiplicidade de possibilidades e seus possíveis desdobramentos para a educação escolar (Meyer; Soares, 2012).

Após o trabalho envolvendo as imagens relacionadas à construção da percepção, apresentamos para o grupo imagens de diferentes professoras que circulam nos meios midiáticos (TV, revistas, publicidade, vídeo, cinema, internet e outros), buscando problematizar as representações da profissão docente em nossa cultura. Ao discutir sobre essas imagens, problematizamos a presença marcante da figura da professora (mulher bem vestida, branca, de óculos, com cabelos presos e sem muitos ornamentos), sempre ao lado de um quadro, geralmente cheio de conteúdos e com o giz na mão, como se fossem os únicos instrumentos de trabalho que ela utiliza.

Além dessas, também apresentamos imagens de professoras que parecem romper ou vão na contramão dessas representações “tradicionalis”, como é

2 Nesta dinâmica, solicitávamos que cada um/a se apresentasse dizendo seu nome e uma qualidade que lhe definia. Essa dinâmica, além de promover a integração do grupo, gerou um debate sobre o olhar que lançamos sobre nós mesmos/as.

3 Foram utilizadas imagens da *gestalt* que abordam a questão figura e fundo e também outras ao estilo do artista Giuseppe Arcimboldo (1527-1599).

o caso da imagem de uma professora tatuada, além de outras pouco visíveis nos artefatos mídiáticos⁴. Estas causaram certo estranhamento dentre os/as participantes, pois a presença de marcadores corporais como a tatuagem parece não estar de acordo com as representações que historicamente são atribuídas à professora, inclusive pelos seus próprios pares. O corpo, como afirma Louro, se constitui de “uma multiplicidade de sinais, códigos e atitudes, produz referências que fazem sentido no interior da cultura e que definem (pelo menos momentaneamente) quem é o sujeito” (Louro, 2003, p. 5).

Os exercícios propostos para os/as professores/as em formação possibilitaram o tensionamento entre as representações de docentes que circulam nas imagens e na constituição do imaginário das pessoas e das corporeidades presentes nos espaços escolares e nas instituições de formação de professores no Brasil. Em nosso país, o culto ao corpo, segundo Melanias (2009, p. 2), está relacionado à “necessidade de aceitação social”, pois, para o indivíduo pertencer ao âmbito social, deve buscar correções ao que não é agradável visualmente ao outro, seja qual for o custo disso, desconsiderando seus valores morais e demais habilidades.

Ainda nessa oficina, a partir do texto *A burocracia*, de Eduardo Galeano, discutimos o processo de naturalização, ou melhor, problematizamos como determinados saberes e comportamentos são fixados como verdades absolutas e nunca são questionados. A possibilidade de desnaturalizar os conhecimentos e saberes produz efeitos, já que pode ser demonstrativa de como indivíduos e grupos são produzidos e se produzem no interior da cultura e nas instituições sociais.

3.2 Corpo e Saúde na Contemporaneidade

A segunda oficina foi dedicada à discussão sobre corpo e saúde na contemporaneidade e apresentou para os/as participantes informações sobre os transtornos alimentares, além de promover um debate acerca da

4 Entre elas citamos: novelas televisivas, filmes, histórias em quadrinhos, revistas, etc.

imagem corporal na história e na cultura, retomando as discussões anteriores sobre a insatisfação corporal gerada pela existência de um modelo ideal e os caminhos trilhados por aqueles/as que estão na eterna busca pela perfeição corporal.

O saudável, como afirmam Meyer e Soares (2012, p. 45), “é um enunciado ambíguo, no qual se borram completamente as fronteiras entre beleza e saúde, entre humano e máquina, entre fenótipo e cosmética”. Um corpo fora de forma, por exemplo, é um corpo sob suspeita, principalmente se levarmos em conta que vivemos sob a crença de que os cuidados estão ao alcance de todos/as, bastando querer. Desse modo, o indivíduo é considerado o/a único/a responsável pela boa aparência e pelo bom desempenho de seu corpo e por mantê-lo em forma, e assim a busca pelos padrões corporais apresentados socialmente tem interferência direta em questões da saúde do indivíduo.

O padrão estético, segundo Bohm (2004), de beleza atual, perseguido por muitas mulheres e homens, é representado imagetivamente por modelos esqueléticas das passarelas e corpos malhados, por vezes, longe de representar saúde, mas que sugerem satisfação e realização pessoal e, principalmente, aludem à eterna juventude, o que precisa ser desnaturalizado e problematizado.

A apresentação de trechos de documentários, reportagens e vídeos que circulam na internet foram mobilizadores de discussões, que abordaram os transtornos alimentares (anorexia, bulimia e obesidade). Com isso, buscou-se também incentivar o grupo a buscar meios que possibilitassem a construção de espaços de troca de informações sobre as temáticas com seus colegas, alunos/as e familiares nos espaços educativos em que atuam.

A discussão sobre os transtornos é relevante para a formação dos/as professores/as, pois, embora os mesmos não sejam exclusividade da contemporaneidade – já que estudos recentes vêm destacando a presença desses transtornos em diferentes tempos históricos –, há um aumento considerável de diferentes tipos de transtornos alimentares nos últimos

anos, especialmente entre crianças e adolescentes, o que justifica a relevância de tal temática nessa ação formativa.

De acordo com o estudo de Erbert (2005, p. 13), “nos últimos vinte anos, adolescentes com faixa etária entre 10 a 19 anos, principalmente, têm apresentado maior incidência de transtornos alimentares”. Segundo este estudo, isso ocorre em função da preocupação excessiva dos sujeitos com a sua aparência e com as mudanças que ocorrem nesse período, no qual não é incomum idealizar e buscar alcançar padrões de beleza e estética explorados pelos meios de comunicação, que costumam enaltecer a magreza e demonizar a gordura.

Essas questões foram levadas para uma ação de extensão com estudantes do curso normal médio/magistério a fim de possibilitar a discussão e a reflexão sobre os padrões corporais do que é ser belo/a e/ou saudável apresentados pelas mídias e os que são de fato os corpos “reais”, analisando a multiplicidade e a diversidade da presença dos corpos em nossa sociedade. Como afirma Novaes (2006, p. 2):

As imagens refletem corpos super trabalhados, sexuados, respondendo sempre ao desejo do outro ou corpos medicalizados, lutando contra o cansaço, contra o envelhecimento ou mesmo contra a constipação. Implícita está a dinâmica perfeição/imperfeição, buscando atender aos mais antigos desejos do ser humano, conforme narram os mitos, os elixires e fontes de eterna juventude. Beleza exterior e saúde, aparência desagradável e doença, cada vez mais se associam como sinônimos, no tocante às representações do corpo feminino. A questão tradicional, aceitar ou não o corpo recebido parece transformar-se em como mudar o corpo e até que ponto?

Homens e mulheres são interpelados por uma sociedade que não suporta corpos feios, cansados, gordos, doentes, só para citar alguns. São rótulos que circulam e definem alguns corpos na cultura como corpos

“abjetos”. Assim, o que observamos hoje é uma busca incansável pela perfeição, cada vez mais cedo. Portanto, propiciar aos/às professores/as em formação o conhecimento sobre as modificações ocorridas com o corpo ao longo da história, e suas demandas na contemporaneidade, foi nossa intenção nas oficinas e, mais especificamente, neste eixo em que relacionamos corpo e saúde na contemporaneidade, pois pensamos que o/a professor/a necessita desses conhecimentos para propor intervenções na direção de uma promoção da saúde.

3.3 Medicalização na Escola

A terceira oficina, que teve como eixo a medicalização na escola, discutiu como a educação, assim como outras áreas da sociedade, vêm sendo medicalizadas de forma intensa, sendo a aprendizagem ou o seu fracasso encarados como processos centrados no/a aluno/a ou no máximo em sua família, sem considerar questões educacionais, sociais e políticas.

Esse eixo teve como propósito dar ferramentas para que os/as participantes levassem tais discussões para o ambiente escolar em que atuam, local onde o olhar medicalizante na aprendizagem dos sujeitos está presente (Collares e Moysés, 1996; Freitas, 2011). Para tal, apresentamos para o grupo o vídeo *Medicalização da Vida Escolar* (2006), que acompanha uma professora dos anos iniciais em sua rotina pessoal e na sua visão sobre os/as alunos/as, nos quais está inserido o processo de medicalização.

A partir dos estudos de Moysés (2001), entendemos por medicalização o processo por meio do qual são deslocados para o campo médico problemas que são de ordem social. Desse modo, questões e fenômenos de origem social e política são convertidos em questões biológicas, e, portanto, são tratados de forma individualizante, fazendo a “culpa” recair sobre o indivíduo. Durante o vídeo, a personagem diagnostica e rotula todos/as os/as seus/suas alunos/as com algum tipo de transtorno a partir de discursos “médicos” que circulam inclusive nos espaços educativos. Para Monteiro (2006):

A doença do não-aprender, em nosso tempo, recebe nova embalagem com novo tratamento, o medicamento. Aos pais e professores é vendido com embalagem científica, cujo slogan poderia ser “pílula contra o agito”, prometendo atuar como uma “palmatória química” para assim garantir a “ordem e progresso” no terceiro milênio (Monteiro, 2006, p. 23).

O debate realizado após a exibição do vídeo trouxe muitas situações do grupo acerca da temática. Não são incomuns entre os/as participantes a vivência e a proximidade com algum processo de medicalização, sejam situações de diagnósticos equivocados com os consequentes danos, como situações em que fica evidente o uso leviano e inconsequente de medicamentos.

Atualmente, o Brasil é o segundo maior consumidor dos psicotrópicos, chamados *metilfenidatos*, prescritos para as crianças diagnosticadas com TDAH. Perozin (2011) mostra, nos dados da Carta Capital na matéria “A droga da obediência”, que de 71 mil caixas desse medicamento distribuídas pelas escolas em 2000, passamos para 2 milhões em 2009.

Analisando criticamente esse panorama, a autora Aparecida Moysés (2001) defende a necessidade de rompermos com a perspectiva biologizante da aprendizagem, como condição para entrarmos no campo da reflexão crítica sobre valores, fundamentais para a compreensão do próprio significado de saúde e doença em suas múltiplas determinações.

Nas oficinas, buscamos inserir o debate sobre a medicalização a partir da rotina do/a professor/a e sua visão sobre os/as alunos/as que, muitas vezes, de forma sutil e quase imperceptível, adere à ideia de biologizar ou medicalizar problemas sociais, entre eles, as dificuldades de aprendizagem e determinados comportamentos na escola. A autora Denise Sant’Anna afirma que:

Nunca como em nossa época, houve uma sensibilidade tão alerta em relação à ameaça das doenças, e

uma intolerância tão forte diante dos sintomas do envelhecimento e do mal estar corporal. Como se a existência do corpo ganhasse uma dimensão inusitada que, por sua vez, acarretasse uma vigilância ampliada de cada um sobre si mesmo e numa atenção para com a própria saúde muito mais detalhista e obstinada (Sant'anna, 2000b, p. 237).

Essa “sensibilidade alerta” observada pela autora foi um dos enfoques destacados durante a oficina, pois a utilização de medicamentos como primeira opção e a automedicação têm permeado o posicionamento de muitas instituições escolares e de muitos profissionais da educação.

Em muitas instituições, a medicalização é uma prática pedagógica naturalizada e, segundo Aparecida Moysés (2001), tem-se constituído como um dos desdobramentos do processo de patologização dos problemas educacionais e servido como justificativa para a manutenção da exclusão de grandes contingentes de crianças que, embora permaneçam nas escolas por longos períodos de tempo, por não conseguirem se adequar aos padrões de normalização que a escola impõe, são rotuladas e diagnosticadas como tendo algum tipo de transtorno, o que, na maioria das vezes, são diagnósticos equivocados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências e reflexões apresentadas ao longo deste relato conferem a tais iniciativas uma perspectiva positiva quanto ao papel que deve assumir a universidade no âmbito das mudanças do contexto atual, que exigem dela uma maior aproximação com a comunidade, bem como uma formação que contemple ensino-pesquisa-extensão para os/as seus/suas estudantes e docentes.

A troca de saberes entre sujeitos de diferentes instituições formadoras de professores de educação infantil, anos iniciais e EJA, durante a ação de

extensão, possibilitou refletir sobre as possibilidades para a valorização das diferentes corporeidades presentes nos espaços escolares em que atuamos.

A partir de interações mais formais ou mesmo informais, é possível afirmar a validade dessa experiência. A ação cumpriu seu objetivo de sensibilizar os/as professores/as para as temáticas abordadas. Percebemos que as discussões foram bastantes produtivas e enfáticas, o que é demonstrativo do quanto os temas selecionados foram mobilizadores e possibilitaram uma reflexão, inclusive sobre assuntos delicados, como preconceitos, estereótipos e rótulos.

Em nenhum momento ousamos achar que a nossa ação provocaria transformações profundas, não tínhamos nem tempo para tanto, porém podemos afirmar que provocar o debate deu chances para que se construíssem possibilidades de dúvidas e novos caminhos. Não há como negar que houve participações efetivas com depoimentos que permitiram uma real troca de saberes entre os/as envolvidos/as nessas oficinas.

É pertinente destacar que essa ação nos possibilitou vivenciar a docência com outras professoras em formação, desenvolvendo em nós, bolsistas de extensão, habilidades ainda não vivenciadas, abrindo novas perspectivas em relação ao nosso futuro profissional.

Acreditamos que esse projeto de extensão cumpre também um importante papel social por abordar discussões relevantes envolvendo a temática do corpo em uma perspectiva cultural e, com isso, contribui para que os/as docentes tenham em seus espaços uma postura mais crítica para com as práticas que tal temática atravessa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOHM, Camila Camacho. *Um peso, uma medida: o padrão de beleza feminina apresentado por três revistas brasileiras*. São Paulo: UNIBAN, 2004.

COLLARES, Cecília A.L. & MOYSÉS, Maria Aparecida. *Preconceitos no cotidiano escolar – ensino e medicalização*. São Paulo: Cortez/Campinas/UNICAMP – Faculdade de Educação, 1996.

ERBERT, Tamara Carla. *Anorexia e bulimia nervosas: blogs e casos reais*. São Paulo: Marco Zero, 2005.

FREITAS, Cláudia Rodrigues de. *Corpos que não param: criança, “TDAH” e escola*. 2011. 195 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GALEANO, Eduardo. *A burocracia. O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

GOELNNER, Silvana. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G., NECKEL, J. E GOELLNER, S. (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 28-40.

LOURO, Guacira. *Corpos que escapam. Labrys: estudos feministas*. Brasília, n. 4, ago./dez. 2003. Disponível em: <<https://www.labrys.net.br/labrys4/textos/guacira1.htm>>. Acesso em: 01 out. 2018.

MELANIAS, Abner. *O culto ao corpo: uma análise pela perspectiva da antropologia cultural*. 2009. Disponível em: <<http://letracao.wordpress.com/2009/12/25/o-culto-ao-corpo-uma-analise-pela-perspectiva-da-antropologia-cultural/>>. Acesso em: 30 jun. 2014.

MEYER, Dagmar e SOARES, Rosângela. *Corpo, gênero e sexualidade: desafios para a educação escolar*. In: MEYER, D., SOARES, R., DALLA ZEN, M. I., XAVIER, M.L. *Saúde, sexualidade e gênero na educação de jovens*. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 45-47.

MONTEIRO, Helena Rego. *Medicalização da vida escolar*. 2006. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MOYSÉS, Maria Aparecida. *A institucionalização invisível: crianças que não-aprendem-na-escola*. Campinas: FAPESP/ Mercado de Letras, 2001.

NOVAES, Joana de Vilhena. *Ser mulher, ser feia, ser excluída*. 2006. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0237.pdf>> Acesso em: 26 out. 2018.

PEROZIM, Livia. A droga da obediência. *Revista Carta Fundamental*. fev. 2011. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/carta-fundamental-arquivo/a-droga-da-obediencia>>. Acesso em: 2 jul. de 2014.

SANT'ANNA, Denise B. de. As infinitas descobertas do corpo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n.14, p. 235-249, 2000a.

_____. Descobrir o corpo: uma história sem fim. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 49-58, jul/dez 2000b.

_____. Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres. In: RAGO, M.; ORLANDI, L.B.L; VEIGA NETO, A. (org). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 99-110.

6. REFERÊNCIAS FÍLMICAS

MEDICALIZAÇÃO da Vida Escolar. Produção de Helena Rego Monteiro. Rio de Janeiro: 2006. 1 filme. (16:03). Cor. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hj-FtJDT03w>>. Acesso: 29 jun. 2014.